

RESENHA

STREET, V. Brian. *Letramentos sociais*: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2014, p. 240.

Evanilton Gonçalves Gois da Crus¹

Os estudos sobre letramento no Brasil têm dedicado, nas últimas décadas, praticamente toda a atenção investigativa ao letramento institucionalizado por excelência, escolar. Muitos dos trabalhos realizados têm se concentrado no que o professor e antropólogo Brian Street denomina como perspectiva “autônoma” de letramento, ou seja, perspectiva voltada apenas às habilidades da tecnologia escrita.

Ao identificar e revisar os lugares teóricos e práticos em que o conceito de letramento “autônomo” se apertam, bem como os consequentes problemas na adoção de tal conceito, Street chega à conclusão de que se faz necessário compreender o letramento como prática social. Nesse sentido, o autor reconhece a natureza ideológica do letramento e o explicita ao denominar o modelo com o qual trabalha de letramento ideológico. Segundo Street, esse modelo ressalta a importância do processo de socialização na construção do significado do letramento para os participantes, de modo que se preocupa não só com as instituições “pedagógicas”, como a escola, mas também com as instituições sociais, como a família e a comunidade em geral. Essa é, portanto, a tese central de seu livro.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA), na linha História da Cultura Escrita no Brasil (HISCULTE). Endereço eletrônico: evaniltongoncalves@gmail.com.

Vale ressaltar, que as produções do antropólogo Brian Street publicadas no Brasil, constituem-se basicamente de artigos acadêmicos traduzidos pelo linguista Marcos Bagno, da Universidade de Brasília (UnB). Tradutor também deste livro inédito do professor de Linguagem em Educação do *King's College London*, Bagno mostra-se interessado em resgatar da dispersão, as discussões propostas pelo autor que são relativas aos múltiplos letramentos e às questões complexas que atravessam tal conceito. Nesse sentido, o livro explora o letramento levando em conta seu caráter ideológico, perpassando as noções de poder, identidade e agência.

No momento em que se aprofunda no Brasil os investimentos em programas educacionais e a educação apresenta-se cada vez mais globalizada, torna-se extremamente importante reconhecer o estado de reconfiguração das pesquisas sobre letramento. Se em anos anteriores, boa parte das pesquisas acadêmicas tinha como foco as consequências cognitivas da aquisição do letramento, Street nos revela que nos últimos anos houve um aumento significativo no interesse dos estudos do letramento em perspectivas teóricas e transculturais. Ao se apoiar em estudos antropológicos e na metodologia etnográfica que sustentam os Novos Estudos sobre o Letramento, o autor afirma que o reconhecimento do modelo “ideológico” é importante, uma vez que permite rejeitar a visão dominante do letramento como uma habilidade “neutra” e nos permite compreender o letramento como uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e revestida por significados e práticas culturais específicos. Sob o selo da Parábola, editora que tem contribuído de forma positiva nas áreas de letras, linguística e educação, o livro torna-se mais um instrumento de conscientização, na medida em que se afasta de publicações que aludem às generalizações idealizadas de letramento e apresenta-se com o intuito de promover entendimentos mais concretos das práticas

letradas em contextos sociais “reais”, conforme sinaliza Street.

Embora seja grave o atraso de uma publicação como essa aqui no Brasil (o livro foi publicado no exterior há quase duas décadas), as cinco seções que constituem os *Letramentos sociais*: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação, de Street, são bastante atuais — 1) “Letramento, política e mudança social”, 2) “A etnografia do letramento”, 3) “O letramento na educação”, 4) “Para um quadro teórico crítico” e 5) “Relações entre políticas, teoria e pesquisa no campo do letramento”. Todas as seções são compostas por introdução que além de sintetizá-las, direcionam os capítulos para questões contemporâneas. Além disso, as seções abordam diferentes aspectos sobre o letramento, permitindo assim, que com sua soma, se obtenha uma compreensão mais ampla sobre esse conceito tão conhecido no cenário acadêmico e escolar, mas ainda pouco apreendido em sua perspectiva social. O livro torna-se desse modo, um instrumento de desmistificação conceitual e um rico material teórico para situar o leitor em uma abordagem mais sólida e coerente a respeito do letramento.

Street evidencia na obra, por exemplo, a persistência de alguns pesquisadores tradicionais que se baseiam ainda na equivocada “grande divisão”, proposta por Walter Ong, entre fala e escrita. Contraindo-se a Ong e a outros autores de algum modo aliados à “grande divisão”, Street argumenta que os níveis de interação e complexidade tanto da fala quanto da escrita, dependem das normas comunicativas em jogo em cada registro. Como exemplo, o autor aponta os seminários nos quais as pessoas falam, tomam notas, leem textos etc. O autor evidencia que as relações entre língua falada e escrita podem ser melhor entendidas se examinadas a partir de um *continuum*. Nesse sentido, devem ser explicadas, conforme advoga Street, em termos de contexto social de oralidade e letramento em diferentes tradições letradas.

Valendo-se do modelo ideológico de letramento e rechaçando a “grande divisão”, Street discute a importância do contexto social no desenvolvimento de programas de letramento. Faz lembrar que as pessoas não são “tábuas rasas” à espera da marca inaugural do letramento. Outra observação importante que o autor faz é que o letramento em si mesmo não altera as bases tradicionais de conhecimento. Embora seja um grande desafio superar as crenças do senso comum que em sua maioria, alimentam a tese de grandes agências de desenvolvimento, baseado em diversos estudos antropológicos, Street aponta que os estudos etnográficos sugerem um quadro mais complexo. Ao citar estudos feitos em Madagascar e no Irã, por exemplo, o autor alerta para as transformações advindas de campanhas de alfabetização que ao contrário do que em geral se pensa, não introduzem necessariamente o letramento, mas novas competências comunicativas particulares, ocidentalizantes. O que acontece nesses casos, afirma Street, é a transformação da “mescla” anterior de oralidade e letramento na cultura receptora.

Enfim, os exemplos de pesquisa apresentados no livro chamam atenção para as variações locais e alertam sobre a hegemonia do letramento dominante. A aposta de Street é a de que se novas pesquisas forem conduzidas sobre as variedades do letramento e as formas de comunicação existentes no mundo contemporâneo, levando em consideração o modelo ideológico, possivelmente, surgirão respostas que permitam melhor compreender o letramento no plano político e teórico.

Street afirma ainda que uma abordagem que vê o letramento como prática social crítica tornaria explícitos, desde o início, os pressupostos e as relações de poder em que tais modelos de letramento se fundam. Ao enfatizar o desenvolvimento de seus estudos a partir de uma visão social da linguagem, o autor propõe uma nova agenda de investigações para as práticas de letramento que embora desafiado-

ras, muito têm a contribuir com as pesquisas entre língua, letramento e sociedade. Com base na tese que norteia o livro, sem dúvidas *Letramentos Sociais*: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação constitui leitura importante para todos os professores, pesquisadores e estudiosos em geral dedicados aos estudos das práticas sociais da leitura e da escrita.

[Recebido: 07 set. 2015 — Aceito: 15 nov. 2015]